

RESENHA

GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Tradução de Mariano Ferreira. Apresentação de Roberto da Matta. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Cídio Lopes de Almeida
[sem revisão por pares]

Resenha da obra de Arnold van Gennep, um folclorista e etnógrafo conhecido por seu estudo comparativo de rituais, notavelmente "Os ritos de passagem". A obra foca na estrutura universal desses ritos, que marcam transições na vida de indivíduos e grupos. Van Gennep propõe que esses rituais se desdobram em três fases consistentes: separação do estado anterior, um período liminar ou de margem e, finalmente, agregação a um novo estado ou grupo. Exemplos abrangem desde cerimônias de nascimento e casamento até rituais de iniciação, mudança de domicílio e passagens cósmicas ou temporais. A análise ressalta a importância dessas sequências para a compreensão das dinâmicas sociais e mágico-religiosas em diversas culturas.

Resenha da Obra: "Os Ritos de Passagem" de Arnold van Gennep

"Os Ritos de Passagem" (originalmente "*Les rites de passage*", publicado em 1909) de Charles-Arnold Kurr van Gennep é uma obra seminal no campo da Antropologia Social e do folclore, reconhecida como um clássico de importância fundamental para o estudo de cerimoniais em sociedades de diversos tipos e épocas, sejam elas tribais ou complexas, antigas ou contemporâneas. A edição brasileira, traduzida por Mariano Ferreira e com apresentação de Roberto da Matta, é um esforço louvável da Editora Vozes.

O Autor e seu Contexto Intelectual

Arnold van Gennep (1873-1957), embora nascido na Alemanha, cresceu na França e foi um renomado folclorista e etnógrafo. Sua obra mais famosa, "Os Ritos de Passagem", é, ironicamente, um dos livros mais discutidos da chamada "escola sociológica francesa", apesar de Van Gennep ter sido frequentemente hostilizado por seus membros. No entanto, Van Gennep dialogou com Durkheim e seus seguidores, e seu trabalho acabou por se consolidar como uma prova viva de sua inclusão ideológica nesta tradição, apesar das divisões da época. Ele trabalhou para o governo francês e dedicou-se desde cedo às pesquisas sobre ritos.

A Inovação Teórica Central: O Rito como Objeto Autônomo

A principal contribuição de Van Gennep foi, talvez pela primeira vez no campo da Antropologia Social ou Sociologia Comparada, introduzir o ritual e seus mecanismos básicos como um tópico de estudo relevante, dotado de uma autonomia relativa em relação a outros domínios do mundo social. Antes dele, o rito era frequentemente visto como um dado secundário, um apêndice ou agente específico de atos classificados como mágicos pelos estudiosos. Ele rompeu com as abordagens vitorianas e mentalistas do

século XIX, que tendiam a reduzir o social (e/ou cultural) a explicações biológicas, psicológicas ou geográficas.

Ao invés de ver o ritual como um subproduto de atos religiosos ou mágicos, Van Gennep o concebeu como "algo em si mesmo", um fenômeno com mecanismos recorrentes e um conjunto de significados próprios, primariamente o de realizar uma "costura" entre posições e domínios em uma sociedade que ele via como uma totalidade internamente dividida.

A Sociedade como um Espaço Compartimentalizado e Dinâmico

Van Gennep concebe o sistema social como estando compartimentalizado, comparando-o a uma casa com quartos, salas, corredores e varandas, onde os rituais ajudam a demarcar esses espaços por onde as pessoas e grupos circulam em suas trajetórias sociais. Essa visão introduziu um dinamismo no mundo social que seus contemporâneos, tanto vitorianos quanto durkheimianos, não foram capazes de reconhecer.

Ele argumenta que a vida individual em qualquer sociedade consiste em passar sucessivamente de uma idade para outra e de uma ocupação para outra. Essas passagens são acompanhadas por atos especiais, que entre os semicivilizados são cerimônias, pois nenhum ato é absolutamente independente do sagrado. Van Gennep enfatiza que toda alteração na situação de um indivíduo implica em ações e reações entre o profano e o sagrado, as quais devem ser regulamentadas para evitar danos à sociedade geral.

A Estrutura Tripartite dos Ritos de Passagem

A grande descoberta de Van Gennep é que os ritos, como o teatro, possuem fases invariantes que se ligam entre si por meio de sequências específicas, variando de acordo com o tipo de transição que o grupo ou indivíduo pretende realizar. Ele propõe um esquema que os decompõe em três categorias principais, que se tornaram a base de toda a teoria dos ritos de passagem.

Ritos Preliminares (Separação): Marcam o desligamento do indivíduo de sua situação ou mundo anterior. Exemplos são ritos de "purificação" ou a saída do território pessoal. Nos funerais, os ritos de separação são geralmente poucos e simples, mas importantes.

Ritos Liminares (Margem): Ocorrem durante o estágio intermediário, um período de transição onde o indivíduo "flutua entre dois mundos", nem completamente separado do antigo, nem totalmente integrado ao novo. Este período pode ser mais ou menos longo e complicado, como na gravidez, noivado ou iniciação. É um estado de isolamento e ambiguidade, onde os indivíduos podem ser vistos como sagrados ou perigosos.

Ritos Pós-Liminares (Agregação): Marcam a incorporação do indivíduo à nova situação ou ao novo mundo. Podem incluir refeições em comum, apertos de mão, troca de presentes, ou rituais de identificação. Nos funerais, os ritos que agregam o morto ao mundo dos mortos são os mais elaborados.

Van Gennep argumenta que, embora nem sempre as três fases sejam igualmente desenvolvidas (por exemplo, funerais enfatizam a separação, casamentos a agregação), a sequência tende a ser a mesma. A compreensão de um rito particular é incompleta sem o estudo de seus momentos anterior e posterior na sequência.

A Relatividade do Sagrado e do Profano

Uma das ideias mais notáveis de Van Gennep é a rotatividade da noção de sagrado. Para ele, o sagrado não é um valor absoluto, mas um valor que indica situações relativas. Um homem em sua casa está no profano, mas ao viajar e se tornar um estrangeiro em um

acampamento desconhecido, ele entra no sagrado. Essa ideia de que os círculos mágicos se deslocam conforme a posição social ou geográfica é crucial para entender a dinâmica das transições.

O Estudo Abrangente das Passagens

O autor aplica seu esquema tripartite a uma vasta gama de cerimônias e passagens na vida humana e cósmica, incluindo.

Passagem Material: Fronteiras, portas, soleiras, que são limites mágicos-religiosos. Indivíduos e Grupos: Recepção de estrangeiros, adoção, mudança de senhor, guerra, vendeta, paz. Ciclo de Vida Individual: Gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, noivado, casamento, funerais. Ciclos Cósmicos e Naturais: Passagens de meses, estações e anos.

Ele insiste que a passagem ideal (social) é, para os semicivilizados, propriamente uma passagem material, pois a mudança de categoria social muitas vezes implica uma mudança de domicílio ou de espaço físico.

Críticas e Legado

Roberto da Matta, em sua apresentação, aponta algumas críticas à obra:

Demonstração Horizontal. Van Gennep optou por uma demonstração horizontal, privilegiando a quantidade de exemplos em detrimento de uma análise profunda de poucos rituais. Isso o aproximou dos vitorianos, tirando rituais de contexto para provar a universalidade de suas três fases.

Falta de Elaboração Teórica Profunda. O livro termina sem uma verdadeira elaboração teórica sobre o significado profundo dos "ritos de passagem" ou o "porquê" de sua existência, oferecendo explicações universais e vagas, típicas do espírito da época.

Apesar dessas críticas, o livro de Van Gennep foi largamente utilizado e estudado como base bibliográfica e inspiração teórica. Sua obra insinuou que a própria vida social, em sua dialética entre rotinas e cerimoniais, é um ritual, fundamentada em atos formais e decisões coletivas, não em fatos biológicos ou individuais. Ele antecipou posições básicas da Antropologia Social contemporânea, como a importância do contexto na discussão do significado, o valor das sequências no estudo dos rituais, a separação radical entre fatos da biologia e da sociedade, e a natureza coletiva e grupal do casamento.

Van Gennep é visto como um precursor de importantes antropólogos como Victor Turner, Clifford Geertz, E.R. Leach, Mary Douglas, e Claude Lévi-Strauss, que aprofundaram o estudo do ritual e da simbolização social. A questão do "porquê" dos ritos de passagem permanece em aberto, e o próprio termo "ritual" ainda necessita de uma melhor conceituação, mostrando a complexidade do assunto que Van Gennep iniciou.

Conclusão

"Os Ritos de Passagem" é uma tentativa pioneira de sistematizar e compreender a lógica subjacente às transições sociais e individuais. Van Gennep demonstrou que a vida social é um processo contínuo de desagregação e reconstituição, de morte e renascimento, com a travessia de novos limiares em todas as esferas da existência. Sua lição duradoura é que viver socialmente é passar, e passar é ritualizar. A obra continua a ser uma leitura essencial para qualquer um que busque compreender a natureza dos rituais e seu papel intrínseco na organização e experiência da vida humana.

P.s.: Uma panorâmica sobre os capítulos

Capítulo I: Classificação dos Ritos. Introduce o mundo profano e o sagrado, as etapas da vida individual e a necessidade de estudar os ritos sistematicamente. Apresenta as escolas animista, dinamista, e classifica os ritos em simpáticos ou de contágio, positivos ou negativos, diretos ou indiretos, antes de propor o esquema dos ritos de passagem.

Capítulo II: A Passagem Material. Aborda as fronteiras, portas, soleiras e pórticos como limites mágico-religiosos. A passagem de um território para outro, ou de um espaço profano para um sagrado (como um templo), requer ritos de passagem, que podem incluir sacrifícios ou atos simbólicos. A "margem" é introduzida como uma situação especial de flutuação entre dois mundos. Os ritos de fundação de casas novas são também vistos como ritos de passagem, da casa como tabu para um estado "noa" [*sic no original*]. Ritos de saída, como os de um cadáver pela porta traseira, visam não poluir a passagem principal.

Capítulo III: Os Indivíduos e os Grupos. Discute a situação do estrangeiro, que é visto como um ser sagrado ou perigoso. A agregação do estrangeiro à comunidade envolve ritos de separação, margem e agregação, como a comensalidade, troca de presentes e fraternização. O retorno do viajante também é ritualizado. A adoção, a mudança de senhor, a guerra e a paz são analisadas sob o mesmo prisma, mostrando a reestruturação e regeneração de unidades sociais. A Páscoa judaica é citada como exemplo de cerimônia de agregação e passagem.

Capítulo IV: A Gravidez e o Parto. Este período é tratado como um período de margem para a mulher, envolvendo ritos de separação (reclusão, tabus alimentares e sexuais), ritos de margem (o próprio período de gravidez) e ritos de reintegração da mulher à sociedade como mãe. O parto não é o fim do período de margem, que pode se estender até a reintegração social da mãe. O nascimento de gêmeos, por exemplo, pode prolongar drasticamente o período de reclusão e os ritos de separação e margem.

Capítulo V: O Nascimento e a Infância. Os ritos focam na separação do recém-nascido do mundo anterior (o meio materno, ou o mundo dos mortos, em crenças de reencarnação) e sua agregação progressiva à sociedade dos vivos. O corte do cordão umbilical e o primeiro banho são ritos de separação. A denominação (outorga de um nome) é um rito de agregação à sociedade, seja ela geral ou restrita. O batismo também é analisado como um rito de agregação, especialmente quando usa água consagrada. Ritos de exposição ao sol, lua ou contato com a terra são interpretados como ritos de agregação cósmica ou totêmica.

Capítulo VI: Os Ritos de Iniciação. Este capítulo aborda a passagem da puberdade fisiológica para a puberdade social, destacando ritos como a circuncisão e outras mutilações corporais, que servem como marcas de diferenciação e agregação a grupos específicos (clãs totêmicos, fraternidades, sociedades secretas, classes de idade). A ideia de morte e renascimento ritual é frequente, com noviços sendo separados de seu ambiente anterior (e considerados "mortos") e depois reintegrados com uma nova identidade. Ritos de flagelação e isolamento são comuns durante o período de margem. A entrada em religiões universalistas como o cristianismo (batismo) e o islã, bem como em confrarias religiosas, segue o mesmo padrão tripartite. A ordenação de padres e magos, e a entronização de chefes e reis, também são rituais de passagem que implicam separação, margem e agregação, transferindo status e poder. Excomunhão e exclusão são ritos de separação.

Capítulo VII: O Noivado e o Casamento. O noivado é caracterizado como um período de margem, complexo devido aos múltiplos grupos afetados. O casamento é um ato social com implicações econômicas, e seus ritos incluem separação (como os ritos de "raptos" simulado, que simbolizam a resistência à perda de um membro pelo grupo de origem) e

agregação (união material, trocas de presentes, comensalidade). Casamentos múltiplos sincrônicos e semelhanças com a adoção e entronização reforçam a ideia de agregação a um novo grupo. Os ritos de divórcio e viuvez são contrapartes, ritos de separação, embora muitas vezes simplificados.

Capítulo VIII: Os Funerais. Contrariando a intuição inicial, Van Gennep demonstra que, nos funerais, os ritos de separação são geralmente simples, enquanto os de margem e agregação (do morto ao mundo dos mortos) são os mais elaborados e importantes. O luto é visto como rito de separação e margem para os vivos. A viagem para o outro mundo e a entrada nele envolvem ritos de passagem, com o morto sendo munido de objetos para a jornada. O Egito Antigo oferece um exemplo de paralelismo ritual sistematizado, onde rituais funerários, de culto diário e entronização real compartilham o tema da morte e renascimento. A reencarnação também é vista como um rito de passagem do morto de volta ao mundo dos vivos.

Capítulo IX: Outros Grupos de Ritos de Passagem. Dedicar-se a ritos mais específicos, como o corte de cabelos e o uso do véu, que são interpretados como ritos de separação e agregação em diferentes contextos (casamento, viuvez, iniciação religiosa). A utilização de línguas especiais em períodos de margem é uma forma de diferenciação. Ritos sexuais (heterossexuais e homossexuais) são vistos como ritos de agregação ou de garantia de fecundidade. A flagelação e os golpes podem ser ritos de separação ou agregação. Os "ritos da primeira vez" (primeira gravidez, primeiro filho, primeiro casamento, fundações) são os mais importantes e ritualizados, marcando a entrada em uma nova fase. Cerimônias anuais, sazonais e mensais (mudança de ano, estações, fases da lua) também se enquadram no esquema de ritos de passagem, marcando o renascimento e a renovação cósmica e social. O fenômeno da "margem" é uma necessidade que se manifesta em atividades biológicas, energéticas e cósmicas, correspondendo a um "ponto morto" entre dois movimentos.

Capítulo X: Conclusões. Van Gennep sintetiza suas observações, reforçando que o indivíduo passa por diversos compartimentos sociais e cósmicos, e que a vida é um contínuo desagregar e reconstituir, morrer e renascer. Ele reitera a universalidade do esquema tripartite e a importância da "margem". A mudança de categoria social muitas vezes implica uma mudança de domicílio, reforçando a materialidade da passagem. Embora admita que nem todos os ritos de uma categoria específica (como funerais) exibam todas as características do esquema ideal, ele sustenta que a estrutura subjacente é universal e presente. A obra termina com a duradoura lição de que viver socialmente é passar, e passar é ritualizar.